

O ANO-NOVO ALGUNS ANOS ANTES

Victoria Saramago¹

¹ É mestranda em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, com bolsa da FAPERJ.

Ela me repetia aquela história, de novo. Eu não conseguia acreditar. Nem na própria história nem na minha paciência — ou paspalhice — de lhe ficar ouvindo palavra por palavra. Não naquele calor infernal de dezembro, o último dia do ano de 2003 e que porra eu estava fazendo em Copacabana, plena Nossa Senhora, gritando no bafo quente daquele restaurante. E a algumas horas do réveillon.

— Chega aqui para fora, Laura. Fica mais fácil de te ouvir, é menos abafado.

Sentamos numa das mesas da calçada. Me deu um alívio, quase que uma impressão de não serem tão absurdas as maluquices que a Laura, os olhos vermelhos de choramingar e as bochechas vermelhas do calor, tentava me inculcar. O garçom trouxe rápido demais o chopp e a coca-cola que havíamos pedido, o que me deixou de certa forma meio sem jeito. Eu estava prestes a começar o meu discurso de sempre: que aquilo tudo era um delírio sem o menor fundamento e que não dava para acreditar que ela tinha me arrastado para Copacabana na véspera do ano-novo para me fazer ouvir aquela lenga-lenga.

— Você devia levar essas coisas mais a sério. — ela replicava, aproveitando a deixa do garçom para me cortar o discurso já na ponta da língua.

— Levar mais a sério como? Quer que eu não saia mais de casa? Me diz o que eu posso fazer.

— Me ouvir, só isso.

Só rindo.

— Te ouvir? E o que eu estou fazendo aqui, me explica?

— Ouvindo com esse teu jeito irritante, faz eu me sentir uma idiota.

Eu até me esforçava, tentava ser delicado:

— Laura, pára e pensa comigo: você me chama para Copacabana na véspera do ano-novo para me dizer que teve um sonho e que tem medo do sonho. Como é que eu vou te proteger do sonho? Já matei muita barata para você, você sabe disso. E mesmo hoje em dia você sabe que eu te ajudo no que der e vier. Mas um sonho, não dá para

lutar contra um sonho.

— Não é um sonho comum. Você não sabe nada de premonição — eu ainda ficava balançado com o jeitinho que ela tinha de se emburrar quando eu não queria compreendê-la. Tantos anos depois. — E o Lucas é seu filho, ela continuava, você devia se preocupar mais com a segurança dele. Essa cidade está entrando em colapso, você não percebe.

Não, eu não percebia. Quer dizer, se havia algum colapso na minha vida, era o de estar no meio daquela farofice que era Copacabana na véspera de ano-novo.

— E você com esse discursinho de jornal de classe média.

— Não é discursinho de jornal de classe média. Os jornais eu acho que nem publicavam esse tipo de coisa, se acontecesse.

— De qualquer forma. Você me chama para cá, diz que é urgente, eu fico horas no engarrafamento. O maior esforço eu faço, crente que é um assunto importante, e quando chego aqui você me faz perder mais não sei quanto tempo para me contar do nosso filho morrendo arrastado do lado de fora de um carro em movimento, preso pelo cinto de segurança. Me fala a verdade, você acha razoável fazer isso comigo?

— Era muito real, Francisco, você não tem noção. Eu estava no meu carro, parada no sinal, sozinha, com o Lucas no banco detrás. De repente chegavam uns caras para roubar o carro, e isso já tinha acontecido comigo anos atrás, nem sei se você se lembra, foi antes do Lucas nascer. Pois no sonho foi exatamente como daquela vez: apareceram do nada, me pegaram desprevenida, me mandaram sair do carro, entraram e arrancaram. O detalhe é que da outra vez era eu sozinha, não havia uma criança de seis anos no banco detrás.

— O que prova que o seu trauma e a sua memória daquele roubo estão trabalhando mais na sua premonição do que você imagina.

— Isso não importa. Aconteceu uma vez e pode perfeitamente acontecer outra. Só que dessa última vez...

— Você fala como se tivesse acontecido realmente. — interrompi.

— Só que dessa última vez — ela me ignorou — havia o Lucas na história. Ele ficou preso no cinto de segurança. Eu tentava feito uma louca abrir o cinto e libertá-lo, o cinto emperrado. Você nunca vai poder imaginar o desespero, Francisco. Eu fazia de tudo, implorava, os caras gritando que tinham de botar o carro para andar, e não dava

para esperar, e não era problema deles.

De repente ela parou, respirou, como que esperando alguma objeção minha. Me vendo afinal permanecer calado, retomou o fôlego e continuou:

— O fato é que sem mais nem menos eles gritaram que se eu não conseguisse abrir o cinto de segurança e libertar o Lucas, que iam bater a porta do carro e arrancar mesmo assim.

— E foi justamente isso o que fizeram.

— Foi justamente isso. Não consegui soltar o meu filho, os caras saíram com carro e ele do lado de fora, arrastado pelo caminho, a cabeça batendo nas pedras do asfalto.

Percebendo que ela voltava a chorar, abracei-a forte. Coitada, era mesmo um sonho muito barra pesada. Eu me lembrava dos meus piores pesadelos e compreendia o seu estado. Por isso a deixava repetir a história toda quantas vezes lhe desse vontade, porque essas coisas a gente precisa mesmo é botar para fora. Vai ver era o trauma daquele outro assalto ainda martelando na sua cabeça, eu podia apostar. Essas coisas duram na cabeça da gente.

— Você não tem noção, Francisco. Ninguém pode ter noção do que eu vi. O Rio está entrando em colapso. A imagem do Lucas morrendo arrastado nas pedras da rua, o sangue no asfalto, o meu filhinho, Francisco, é demais...

Ela agora chorava francamente, o rosto enterrado nos meus ombros, eu ponderava se devia ter sido mais delicado desde o princípio, ou se ela precisava mesmo era de uma injeção de realidade, para deixar de lado essas paranóias. Porque no fim das contas era um sonho, nada mais que um sonho, e assim continuaria para sempre.

— As pessoas em volta olhavam para o carro e gritavam, era horrível. — ela não cansava de repisar nos mínimos detalhes, pela quarta vez; eu começava a me cansar. — O carro ia deixando um rastro de sangue pelo caminho, e o barulho que fazia o corpo e a cabeça dele batendo no asfalto, você nunca vai poder imaginar o que foi isso.

— Não, não posso imaginar mesmo. — ela parecia reconfortada com essas minhas palavras.

— Que bom que você admite, Francisco. Bom você acreditar em mim.

— Eu não acredito em você, Laura. Em nada do que você disse.

Ela se afastou de repente, me encarou firme. Não dava para entender o seu

espanto.

— Quer dizer, acredito que você sonhou isso tudo, lógico que acredito. E acredito que tenha sido um dos piores pesadelos que você já teve, talvez o pior. Nisso tudo acredito.

— Então você não admite que pode acontecer? Foi um sonho premonitório, te juro. Eu sei diferenciar.

— Não, é nesse teu papo de premonição, nisso é óbvio que não acredito. Isso é besteira, Laura. É paranóia da tua cabeça.

Ela ficou confusa, tomou um gole do chopp. Segurei suas mãos, olhei firme nos seus olhos. Ela era tão bonita. Às vezes me dava um aperto no coração da gente não ter dado certo.

— Querida, presta atenção. Te ajudo a passar por cima disso, te ajudo no que você precisar, no que o Lucas precisar. Você sabe disso. O Lucas é meu filho também, tenho tanto interesse na segurança dele quanto você. — ela se acalmava à medida que eu prosseguia — Mas vamos ser razoáveis. Isso é um absurdo, isso nunca vai acontecer. O Rio é violento, é óbvio, ninguém nega, eu mesmo fui assaltado outro dia, você sabe. Mas não é para tanto, Laura. Não é desse jeito. E se você ceder e deixar o medo te dominar, você não vai conseguir fazer mais nada.

— Então você não acredita em mim.

Suspirei antes de continuar. Era um papo difícil, eu começava a perceber, no que ia perdendo a paciência.

— Não, não acredito. Isso não vai acontecer, te juro.

Ela afastou as minhas mãos, tomou outro gole.

— Eu não sei porque te chamo para te contar essas coisas. Você não tem um pingão de sensibilidade, nem acredita nunca em nada do que eu falo.

Pronto, começou.

— É verdade, você nunca acreditou em mim. Eu te digo, Francisco, te juro. Se você não fosse assim a gente talvez ainda estava juntos. — E ela sabia botar o preto no branco. Eu só ouvia. — A gente ainda estava juntos, Francisco. Você não sabe me ouvir, você não entende nada de sonhos, você mal sabe o que é ter de proteger uma criança de seis anos dessa selva em que a gente vive. Você não sabe de nada, e eu às vezes nem sei é por que fico perdendo meu tempo aqui, tentando te abrir os olhos.

Eu encarava fixo o fundo dos dois dedos de coca-cola que haviam sobrado no meu copo, porque a Laura estava bem à minha frente e para a frente é que eu não iria olhar. Era bem o que ela queria: que eu a encarasse e cedesse. Talvez por isso a insistência:

— Você não tem compaixão, Francisco? — e como eu teimasse com meu silêncio: Você não tem medo?

Eu não tinha medo, pelos diabos. Eu não tinha compaixão. Simplesmente porque aquilo não era razoável, não era humano. Se fosse medo de assalto, até de sequestro-relâmpago, essas coisas, até vá lá. O que não dá é para vir com uma história absurda dessas, dos malucos preferirem carregar o corpo duma criança arrastado pelo asfalto da rua do que perder um minuto soltando o cinto de segurança, de terem coragem de matar uma criança duma maneira dessas.

— Isso nunca que ia acontecer, Laura. Nunca. As pessoas podem não ter compaixão, como você diz, e podem até não ter medo, mas elas são gente. E isso é inumano. Não dá para acreditar no que você diz, Laura, porque é absurdo demais, porque não dá nem para conceber.

E eu continuava sem encará-la de frente, mas eu via era bem a decepção na sua cara deformada pelo reflexo no copo de coca-cola, e me dava uma súbita vontade de rir do reflexo que pegava bem o que ela tinha de pior — o queixo acentuado demais, a testa pequena — e botava na minha frente como se fosse ela realmente um espanto de queixo com um nada de testa. Me dava era uma vontade doida de rir do copo à minha frente e do trânsito até a minha casa, as hordas de gente de todos os cantos do Rio e do mundo no sentido contrário ao meu e como parece que às vezes vai ser mesmo impossível furar o sentido das coisas, que dirá no clima quase apocalíptico que é uma Copacabana no último dia de um ano. Era pagar a conta e cair fora dali o mais rápido possível, deixar a Laura na porta do prédio dela e zarpar para a minha própria casa, até a hora de faltar pouco tempo e aí sim eu ter de pensar no que fazer. Era pagar a conta e eu já ia tirando a carteira do bolso para botar os olhos no garçom, e foi justo nesse movimento que eu, quase como quem não acredita, percebi a cadeira vazia à minha frente e o salto do tamanco já velho conhecido martelando o chão atrás de mim.

